

**UNIVERSIDADE DE UBERABA - UNIUBE
LARISSA BEATRIZ DOS SANTOS BATISTA**

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS

UBERABA – MG
2022

LARISSA BEATRIZ DOS SANTOS BATISTA

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS

Trabalho apresentado à Universidade de Uberaba como parte dos requisitos para conclusão de curso de graduação em Psicologia da Universidade de Uberaba.

Orientadora: Me. Jéssika Rodrigues Alves.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha supervisora Jéssika Rodrigues Alves e a Marilei Silva que, mesmo não estando aqui neste momento, fez parte da minha trajetória. Agradeço a vocês por me ajudarem nesse momento de conclusão e pelo apoio nos momentos mais difíceis. Obrigada por toda ajuda, incentivo e motivação que me deram.

Sumário

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	5
MÉTODO	6
RESULTADOS E DISCUSSÃO	7
O que é ser criança no século XXI	7
Violência sexual contra criança e suas consequências.....	9
CONSIDERAÇÕES FINAIS	11
REFERÊNCIAS	14

RESUMO

A violência sexual é todo ato ou jogo sexual entre um adolescente ou criança e um adulto, tendo a finalidade de estimular sexualmente a criança ou adolescente ou para utilizá-los como uma forma de obter prazer sexual para o abusador ou outra pessoa. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo investigar, a partir de uma revisão narrativa da literatura, a violência sexual contra crianças. As buscas foram realizadas na base eletrônica SCIELO e sites que abordam o abuso sexual contra crianças e adolescentes. Os critérios de inclusão foram: (a) Trabalhos que abordam o abuso sexual na infância; (b) Publicados em português; (c) Publicados de 2012 a 2022; (d) Abrange o foco no abuso sexual de crianças e adolescentes; (e) Publicações que respondessem a questão norteadora. Este estudo foi constituído em fundamentação teórica e análise de resultados em dois capítulos: (a) O que é ser criança no século XXI, (b) Violência sexual contra criança e suas consequências. O estudo desenvolvido traz que a criança, antes dos sete anos, tinha uma vida adulta misturada, ou seja, era obrigada a realizar os trabalhos que a comunidade a impunha, porém hoje ela pode vivenciar a liberdade brincando. Além de apresentar a importância do papel do psicólogo trazendo o conhecimento sobre o desenvolvimento humano emocional e psicológico que ajuda na relação de confiança estabelecida com a vítima de violência sexual.

Palavras-chave: Violência sexual. Infância. Psicologia.

INTRODUÇÃO

De acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do adolescente), “crianças e adolescentes são vistos como sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento e com prioridade absoluta”.

A violência sexual consiste em todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual entre um adolescente ou adulto e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente

essa criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra (SILVA; RISTUM, 2019).

Para Oliveira (2006), no decorrer da história da humanidade, a negligência contra a criança e adolescente foi um dos pontos marcantes da cultura humana, pois não havia a noção de fragilidade inerente à infância, pouco se discutia sobre o assunto e, conseqüentemente, não existia uma política de proteção.

Nos anos 2012 e 2013 encontrou-se ocorrência de 3,67/10.000 de violência sexual e em todas as idades incluídas no estudo. Os achados evidenciaram novos casos de 8,16/10.000 em 2012 e 7,99/10.000 em 2013, na faixa etária de 10 a 14 anos. Estima-se que 225 milhões de menores de idade, no mundo, são vítimas de abusos sexuais anualmente. Destes, 150 milhões são do sexo feminino (SENA; SILVA; FALBO NETO, 2018).

Para Boroto e Senatore (2019), a sexualidade humana não é em nada instintiva. Ele afirma que o ser humano, desde a infância, busca prazer e satisfação de variadas formas. A busca pelo prazer não se direciona apenas aos órgãos genitais e a reprodução não é seu único objetivo. O princípio do conceito de sexualidade para Freud é de que toda pulsão é pulsão sexual.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo investigar, a partir de uma revisão narrativa da literatura, a violência sexual contra crianças.

MÉTODO

Este trabalho de conclusão de curso foi constituído em fundamentação teórica e análise de resultados da seguinte maneira:

Capítulo 1: *O que é ser criança no século XXI*. Apresentou como as crianças eram vistas antigamente e como é o desenvolvimento delas hoje em dia;

Capítulo 2: *Violência sexual contra criança e suas conseqüências*. Foi descrito o que é a violência sexual contra criança e trouxe dados recentes;

Para isso, foi realizada uma revisão narrativa da literatura sobre a violência sexual contra crianças. As revisões narrativas da literatura se caracterizam por serem, basicamente, uma análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual (ROTHER, 2007).

A pesquisa trata-se de uma abordagem que tenta mostrar cada vez mais para os pais que o abuso sexual vem ocorrendo frequentemente, e cabe-se a uma pergunta norteadora: "Devemos fingir que o que os filhos relatam não é nada demais ou procurar saber se realmente está acontecendo algo?" As buscas foram realizadas nas bases eletrônicas de artigos de revisão e pelo SCIELO, e sites

que abordam o abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Os critérios de inclusão foram: (a) Trabalhos que abordam o abuso sexual na infância (b) Estudos em que o abuso sexual na infância é avaliado em amostras de diferentes tamanhos com instrumentos padronizados, contendo itens de escalas padronizadas ou questionários e itens desenvolvidos; (c) Publicados em português; (d) Publicados de 2006 a 2022; (e) Abrange o foco no abuso sexual; (f) Foco é crianças e adolescentes; (g) Tema publicados nos últimos 10 anos que possuem informações relevantes ao tema; (h) Publicações dentro do tema; (i) Resumos.

Os critérios de exclusão foram: (a) Teses, dissertações, editoriais, portais; (b) Artigos de revisão e dissertação de pessoas que passaram por essa situação; (c) Artigos publicados em periódicos não indexados; (d) Artigos em inglês e espanhol.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que é ser criança no século XXI

Durante a idade média, as crianças, antes dos sete anos, tinham uma vida adulta misturada; eram obrigadas a realizar trabalhos que a comunidade os impunha. De acordo com Araújo e Teixeira (2016), a partir do momento em que a criança passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

Com o passar do tempo, a compreensão de infância foi modificada e uma nova concepção começou a ganhar significado com a ideia de que a criança era um ser puro, fraco e inocente. No século XX, um intenso movimento de luta pelos direitos da criança propiciou que uma geração inteira pudesse vivenciar a liberdade. Nas décadas de 60, 70 e 80, crianças de diversas idades e classes sociais jogavam em grupo, subiam em árvores, praticavam esportes, ou seja, brincavam. No entanto, houve uma mudança radical na forma de vivenciar a infância; as ruas foram consideradas inseguras e sinônimo de perigo (VIANA, 2019).

Atualmente, de acordo com Viana (2019), as crianças tem o seu próprio aparelho celular com o acesso à internet propiciando alguns males como: stress, obesidade, ansiedade e transtornos psiquiátricos, antes relacionados apenas ao mundo adulto.

O contato com a mídia e tecnologia tem se tornado cada vez mais intenso para as crianças. Já com os pais vem se tornando um elo fraco, pois geralmente os pais não têm tanto tempo para os pequenos e os deixam à vontade para fazerem o que querem. Sair para brincar nas ruas já não é tão seguro, por isso, deixam as crianças passarem horas em frente aos computadores, jogos eletrônicos e TV's. Qualquer um pode entender a linguagem visual televisa, fazendo com que adultos e crianças se igualem diante da tela. Este seria um dos fatores mais importantes para o desaparecimento da infância em curso na sociedade (Viana, 2019).

Bolson e Richter (2019) acreditam que o uso da tecnologia na vida das crianças é vista por lados: positivo e negativo. Como positivo, destacamos leis e órgãos específicos para defendê-las. Atualmente, os castigos físicos são menos tolerados, embora, ainda sejam bastante praticados e já é quase universal o acesso das crianças nas escolas. Como negativo, inúmeras crianças têm acesso a conteúdos inadequados para sua idade. Temos diagnósticos que assustam, como: TDAH, TOD, ansiedade, stress e depressão. E tudo isso por às vezes a criança ser retirada da comunidade e colocada dentro de uma escola em tempo integral, fazendo com que a mesma não tenha tanto acesso ao mundo aqui fora.

O desenvolvimento é um processo para toda vida. As pessoas sempre estarão absorvendo e interpretando estímulos, passando por interações da criança com o ambiente. Um processo de pensamentos e uma construção de si (NOGUEIRA, 2020).

As imagens absorvidas pelo recém-nascido aos poucos serão transformadas em conhecimentos. Ele começará a imitar sons, ou até mesmo comportamentos. Com isso, descobrirá formas de se comunicar e ganhar coisas que almeja, como brinquedos. Conforme a criança vai entendendo, ela passará a se adaptar ao ambiente, mas sempre com a capacidade de se satisfazer com suas próprias vontades (NOGUEIRA, 2020).

Quando criança é muito difícil diferenciar a realidade da fantasia, porém, ao decorrer do seu desenvolvimento e suas fases, ela conseguirá interpretar/entender. A estruturação do self vem a partir do ambiente. Com o decorrer do processo da criança vem criando seu próprio pensamento e linguagem (NOGUEIRA, 2020).

Para Masera (2016), existem quatro fases para a criança passar a ter sua própria construção: Sensório Motor (0 a 2 anos): O bebê tenta compreender o mundo que o cerca, assimila informações e se acomoda baseando em suas experiências. A criança aprende a diferenciar os objetos do próprio corpo e seus pensamentos estão vinculados ao que existe; Pré-operatório (2 a 7 anos): As crianças começam a representar atitudes na brincadeira. É nesta fase que se apresenta a linguagem, como socialização da criança, que se dá através da fala, dos desenhos e das dramatizações; Operatório concreto (7 a 11 anos): É o início do pensamento, onde as coisas já começam a fazer sentido para a criança; ela é capaz de compreender; Operatório formal (12 anos em diante): É onde a criança começa a compreender a experiência de outras pessoas; já é capaz de criar situações hipotéticas.

Essas tarefas dependem do estágio de desenvolvimento em que eles se encontram. Saber o que é um comportamento normal pode ajudar as crianças e suavizar a caminhada para todos os envolvidos. Entender com o que elas estão lidando e em quais metas de desenvolvimento estão tentando atingir tornarão seus comportamentos de frustração mais fáceis de lidar (MASERA, 2016).

De acordo com Queiroz (2017) o bebê de 0 a 12 meses leva tudo à boca e choro apresenta-se como uma forma de comunicar alguma necessidade. Ademais, nessa etapa, os bebês desconfiam

de pessoas estranhas e podem ficar irritados sem nenhum familiar por perto.

Após essa fase, até os 2 anos, eles se tornam comunicativos, veem e fazem sem pensar, sem saber o porquê estão fazendo. Dos 3 aos 6 anos as crianças vão experimentar sua independência para construir sua identidade. Entre os 7 e 11 anos elas questionarão regras e tentarão explicar desviando seus maus comportamentos através de desculpas e justificativas. Dos 12 anos em diante as crianças se tornam mais questionadoras. Os amigos sempre serão mais importantes e tendem a não quererem ser vistos em público com os pais (QUEIROZ, 2017).

A objetificação é uma prática antiga que vem ficando cada vez pior. Porém, existem diversos campos de proteção não só para mulheres, mas também, para crianças e adolescentes. As crianças veem sendo um objeto de troca, ou até mesmo para ser usada como uma chantagem ou interesses pessoais; estão tendo acessos a conteúdos adultos. E com isso, cada vez mais os pais os deixam de lado e os veem como objetos, tanto em mídias, mercado e em discussões feministas (QUEIROZ, 2017).

Bolson e Richter (2019) afirmam que o termo objetificação pode ter vários contextos distintos, mas que, independente de qual seja, sempre terá um significado ruim. Assim, transforma a mulher em um objeto de mercado de consumo – tratando-as como as grandes consumidoras das maiores grifes de roupas do mundo.

A objetificação feminina é ver a mulher ou a menina, observar seus corpos, como se fossem objetos destinados a fins diversos, seja sexual, midiático ou econômico. O corpo feminino, portanto, quando objetificado, deixa de ser um “ser” e passa a ser um objeto, como qualquer outra coisa sem sentimento no mundo moderno. Neste sentido, as autoras acima, dizem que a “objetificação” do público feminino pode tornar seus corpos suscetíveis a desrespeito por parte de alguém, sem que isso pareça errado, sendo comum, até mesmo, a violência física sexual por parte do público masculino para com as mulheres (BOLSON; RICHTER, 2019).

Violência sexual contra criança e suas consequências

A violência sexual pode ser considerada como todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual entre um adolescente ou adulto e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente essa criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra. Essa prática acontece também quando uma pessoa está em situação de poder, e obriga uma outra à realização de práticas sexuais, utilizando-se de sua força física, influência seja ela psicológica, uso de armas ou drogas, ou quando alguém toca ou mexe com o seu corpo sem autorização. Não importa se a pessoa é um estranho ou alguém que você ama ou já amou,

qualquer toque ou relação sem consentimento, mesmo sem um ato sexual consumado, é violência sexual (FERREIRA, 2021).

Nos anos 2012 e 2013 encontrou-se ocorrência de 3,67/10.000 de violência sexual e em todas as idades incluídas no estudo. Os achados evidenciaram novos casos de 8,16/10.000 em 2012 e 7,99/10.000 em 2013, na faixa etária de 10 a 14 anos. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos brasileiros no Rio de Janeiro e no Ceará. (SENA; SILVA; FALBO NETO, 2018).

Os dados estatísticos mostram que maior parte das pessoas vítimas de abuso ou exploração sexual é do sexo feminino e afrodescendente. Eis que essa relação se reflete num contexto de maior imposição do poder e das desigualdades dentro da sociedade (SENA; SILVA; FALBO NETO, 2018).

Geralmente, o agressor está dentro da casa da vítima, próximo ou a cercado. No entanto, não há perfil específico para um abusador. Sabe-se a dificuldade em identificar o perfil da pessoa que violenta uma criança ou adolescente. Ele pode ser alguém acima de qualquer suspeita, como um pai de família comprometido. Cerca de 80% das vítimas de abuso sexual eram crianças e adolescentes do sexo feminino, sendo que em 75% dos casos relatados, o abusador era o pai ou padrasto (SENA; SILVA; FALBO NETO, 2018).

A violência contra a criança e ao adolescente é um problema universal que atinge milhares de vítimas de forma silenciosa e dissimulada. Trata-se, deste modo, de um problema que acomete ambos os sexos e não costuma obedecer a nenhuma regra como nível social, econômico, religioso ou cultural. As consequências do abuso sexual infanto-juvenil estão presentes em todos os aspectos da condição humana, deixando marcas – físicas, psíquicas, sociais, sexuais, entre outras – que poderão comprometer seriamente a vida da vítima (criança ou adolescente) que passou por determinada violência (SILVA; RISTUM, 2019).

Como é sabido, as consequências ou o grau de severidade dos efeitos do abuso sexual variam de acordo com algumas condições ou predeterminações de cada indivíduo, dentre eles: a idade da criança, embora se saiba que a idade da criança é um fator que interfere no tipo de comprometimento que a criança pode desenvolver, não se sabe em qual idade há maior ou menos prejuízo, quando houve o início da violência; a duração e quantidade de vezes em que ocorreu o abuso, algumas evidências apontam que maior período de tempo houver o abuso, maior será a produção de consequências negativas, o grau de violência utilizado no momento da situação, a diferença de idade entre a pessoa que cometeu e a que sofreu o abuso, se existe algum tipo de vínculo, caso exista vínculo entre o abusador e a vítima, outro fator que compromete as consequências é a qualidade desta relação existente, entre o abusador e a vítima, o acompanhamento de ameaças (violência psicológica) caso o abuso seja revelado (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2016).

O segredo permanece causando diversos comprometimentos psicológicos, alimentados por uma angústia dupla: não contar por temer o agressor e não contar por temer não ser acreditada pela

genitora ou pelo restante da família. Em seu silêncio, é possível perceber que, ao mesmo tempo em que a vítima não denuncia o agressor, ela também paralisa, não se protegendo por outros meios como se faltassem recursos mediadores para isso. Dependendo da idade da vítima, muitas vezes o recurso mediador passa pela ordem simbólica, podendo ser aquilo que ela é capaz de mostrar ou dizer com suas palavras ou comportamentos (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2016).

Com relação à vítima, pode-se afirmar que o silêncio diante de uma situação que lhe viola, oprime, envergonha e, muitas vezes, desumaniza, constitui uma reação natural à situação vivenciada, posto tratar-se de um cidadão em condições especiais de desenvolvimento, submetido a uma relação assimétrica de poder (física e/ou psicológica) que, muitas vezes, se estende para além do controle e domínio da vítima propriamente dita (SILVA; RISTUM, 2019).

Pode-se notar algumas consequências da violência sexual em curto prazo e longo prazo, respectivamente, como físicas (trazem pesadelos e problemas com o sono, mudanças de hábitos alimentares, perda do controle de esfíncteres, dores crônicas gerais, hipocondria ou transtornos psicossomáticos, problemas gastrointestinais e desordem alimentar), comportamentais (consumo de drogas e álcool, fugas, condutas suicidas ou de autoflagelo, hiperatividade, diminuição do rendimento acadêmico e transtorno de identidade), emocionais (medo generalizado, agressividade, culpa e vergonha, isolamento, ansiedade, depressão, baixa autoestima, dificuldade para expressar sentimentos e rejeição ao próprio corpo), sexuais (conhecimento sexual precoce e impróprio para a sua idade, masturbação compulsiva, exibicionismo e problemas de identidade sexual, fobias sexuais, disfunções sexuais, falta de satisfação ou incapacidade para o orgasmo, alterações da motivação sexual, maior probabilidade de sofrer estupro e de entrar para a prostituição, dificuldade de estabelecer relações sexuais) e sociais (déficit em habilidades sociais, retração social, comportamentos antissociais) (SILVA; RISTUM, 2019).

Os tratamentos psicológicos para as crianças que sofreram violência sexual são essenciais, pois elas terão a oportunidade de passar por terapias, onde estas ajudarão no desenvolvimento emocional e psicológico, desta forma, podendo ter uma adolescência mais saudável, e chegando a sua vida adulta com menor índice de cometer atos como: exclusão social, medo, baixa confiança, dificuldades de relacionamentos sexuais e amorosos (OLIVEIRA, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido tem o caráter de uma revisão narrativa de literatura a fim de contribuir para o entendimento concernente à violência sexual contra crianças. A revisão narrativa se utiliza de fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisas de outros autores com o objetivo de fundamentar teoricamente um determinado objetivo (ROTHER, 2007).

A violência sexual pode ser considerada como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual entre um adolescente ou adulto e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente essa criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra (SILVA; RISTUM, 2019).

É importante salientar que não importa se a pessoa é um estranho ou alguém que você ama ou já amou, qualquer toque ou relação sem consentimento, mesmo sem um ato sexual consumado, é violência sexual (FERREIRA, 2021).

O papel do psicólogo na violência sexual diz respeito ao conhecimento sobre o desenvolvimento humano e abordagens com crianças, o que ajuda na relação de confiança estabelecida com a vítima. A relevância do papel exercido pelos psicólogos pode contribuir para com a comprovação das situações de abuso sexual, proteção das vítimas e envolvidos, realizando atendimentos e encaminhamentos (SENA; SILVA; FALBO NETO, 2018).

O impacto da psicologia na psicoterapia de crianças que sofreram violência sexual é fundamental, pois elas terão a oportunidade de receber tratamentos que apoiem o desenvolvimento emocional e psicológico. Dessa forma, poderão ter uma adolescência mais saudável e entrar na vida adulta com menores índices de criminalidade como: exclusão social, medo, falta de confiança, dificuldades de relacionamento sexual e romântico (VIANA, 2019).

Com a realização deste estudo foi possível apresentar literaturas sobre a violência sexual contra crianças, mostrando como as crianças eram vistas antigamente e como é o desenvolvimento delas hoje em dia; o que é a violência sexual contra a criança; e as consequências a curto e longo prazo para as vítimas. Foi possível observar que as consequências não são somente físicas, podendo ser psíquicas, sociais e que poderão comprometer seriamente a vida da vítima que passou por determinada violência (VIANA, 2019).

Em relação às limitações deste estudo, destaca-se que a revisão foi realizada apenas na língua portuguesa, ou seja, limitando-se ao contexto brasileiro. Dessa forma, sugerem-se novos estudos na língua portuguesa e demais línguas com maior rigor científico para que sejam identificadas melhores formas de atuação do psicólogo em casos de violência sexual contra crianças.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Letícia Veras de; TEIXEIRA, Irenides. Mídia e infância: a erotização do corpo infantil. **CAOS - Congresso Acadêmico de Saberes em Psicologia**, [S.I.], p. 57-64, 2016. Disponível em: http://ulbra-to.br/caos/assets/download/2016/artigo_05.pdf. Acesso em: 15 Set. 2021.

BOLSON, Gabriela; RICHTER, Daniela. A objetificação da mulher e a erotização precoce de crianças e adolescentes meninas: análise da paródia “vai baranga” de MC Melody?. **Seminário Internacional de Direitos Humanos e Democracia**, [S.I.], p. 1-18, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/10618-Texto%20do%20artigo-41628-1-10-20190314.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2021.

BOROTO, Ivonicleia Gonçalves; SENATORE, Regina Célia Mendes. A sexualidade infantil em destaque: algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12583/9451#toc>. Acesso em: 04 Abr. 2022.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 23 Mar. 2022.

FERREIRA, Letícia. **Violência Sexual: O que é e o que fazer?**. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/violencia-sexual-o-que-e-e-o-que-fazer/>. Acesso em: 25 Out. 2021.

MASERA, Tatiana Costa. **Desenvolvimento infantil de zero a três anos**. Disponível em: <https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/pedagogia/desenvolvimento-infantil-de-zero-tres-anos.htm>. Acesso em: 15 Set. 2021.

NOGUEIRA, Jefferson M. Considerações sobre o desenvolvimento infantil. **Psicologia.pt**, [S.I.], p. 1-10, 2020. ISSN 1646-6977. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1383.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2021.

OLIVEIRA, Ione Sampaio de. Trajetória histórica do abuso sexual contra criança e adolescente. **UniCEUB**. 2006, p. 1-45. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2879/2/20161641.pdf>. Acesso em: 04 Abr. 2022.

QUEIROZ, Thiago. **É normal! Um guia por idade sobre o que esperar de crianças e adolescentes**. Disponível em: <https://paizinhovirgula.com/desenvolvimento-idades/>. Acesso em: 15 Set. 2021.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem** [online]. 2007, v. 20, n. 2 [Acessado 8 Abril 2022] , pp. v-vi. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Epub 17 Jul 2007. ISSN 1982-0194. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 04 Abr. 2022.

SENA, Cláudia Alves de; SILVA, Maria Arleide da; FALBO NETO, Gilliatt Hanois. **Incidência de violência sexual em crianças e adolescentes em Recife/Pernambuco no biênio 2012- 2013**. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csc/2018.v23n5/1591-1599/>. Acesso em: 25 Out. 2021.

SILVA, Regina; RISTUM, Marilena. **Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Ryhzv9k9jn3VK9brXPZLDDp/?lang=pt>. Acesso em: 25 Out. 2021.

VIANA, Marcos Alan. Infância contemporânea: institucionalização e cerceamento. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.I.], v.7, n.2, p. 47-68, fev.2019. ISSN 2447- 1798. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/203>. Acesso em: 15 Set. 2021.